

IMAGEM DE GUILHERME DE ALMEIDA

Israel Dias NOVAES

Nestes dias do centenário de Guilherme de Almeida, acodem-me episódios de sua vida e atividade, trechos de conversa, a sua presença, enfim. Convivemos pouco, mas intensamente. Guilherme era poupado em confidências. O equilíbrio da obra refletia a magnífica harmonia da sua personalidade. Aristocrático, mais propenso a ouvir do que a falar, impecável na roupa e nas idéias, somente ocasiões excepcionais poderiam propiciar um jorro maior de juízos e impressões.

Pois a nós se ofereceu, certa feita, e em circunstâncias especialíssimas, oportunidade desse gênero. Daí nasceu também uma amizade que tenho sempre presente.

O poeta era gentil e cordial. Sabedor das agruras que a luta política representa, mormente para aqueles que só dispõem do próprio esforço para travá-la, acedeu em dar conferência na Semana de Amadeu Amaral que instituíramos em Capivari, terra natal do grande artista da última geração parnasiana. Prestigiava assim, incomparavelmente, uma iniciativa às voltas com a própria afirmação.

- Não estou viajando mais - dissera logo no telefone, quando do convite inicial. Mas, como fugir do Amadeu, orientador dos meus primeiros passos, incentivador da publicação do "Nós" e a quem sucedi na Academia Brasileira... Irei, de qualquer maneira.

Capivari, 180 quilômetros de São Paulo, passagem pela terra natal de Campinas... Dificilmente poderia o poeta esperar tamanha efusão da parte de uma pequena e recatada cidade. Encheu-se o vasto salão de uma mocidade atenta e entusiástica. O encontro de Guilherme de Almeida com a sombra de Amadeu Amaral emocionou o velho burgo paulista.

Retornamos na mesma noite. Guilherme, tocado pela acolhida, durante toda a viagem de volta mostrou-se aberto em julgamentos e revelações. Momento raro, por nós gulosamente aproveitado. Retinha na memória todos os versos produzidos em sessenta anos de

labor artístico. Dizia-os admiravelmente, com voz meio rouca. Descrevia-lhes a elaboração, iluminava de luz nova os poemas em que engastavam.

- Ah! Esse é meu melhor livro. Nada do que veio depois se lhe compara.

Referia-se, surpreendentemente, ao *Livro de Horas de Soror Dolorosa*, publicado nos começos de sua notoriedade, em 1920, bela edição ornada de vinhetas de Wash Rodrigues. - Outra obra que amo é a *Poesia Vária*, onde se incluem alguns dos poemas mais difundidos, os "hai-kais" e a Camoniana.

Em palavras compassadas, disse então - num tom que não será esquecido - a "Segunda canção do peregrino": - "Vencido, exausto, quase morto, - cortei um galho do teu horto - e dele fiz o meu bordão"... Baby sua mulher, socorria as hesitações da repetição: "Pois nem fantasmas, nem correntes, - nem salteadores, nem serpentes - prevaleceram no meu chão"...

*

Reposto esse episódio antigo, conjecturo sobre a pessoa e a obra de Guilherme de Almeida, nestes 20 anos transcorridos da sua morte.

Como o vemos hoje? Vivemos decênios de preocupação e desencanto. A míngua de reedições do poeta responde em parte por sua ausência nas livrarias, com as óbvias conseqüências. Guilherme de Almeida é um mundo de inteligência, sabedoria e sensibilidade. Sua "fortuna crítica", ainda não levantada de todo, registra o alcance de sua mensagem no pensamento brasileiro.

Nasceu o poeta em Campinas, a 24 de Julho de 1890. Sob bons auspícios: seu pai, catedrático de Direito, detinha invulgar formação humanística. Fez-se logo o professor Estevão de Almeida o orientador cultural do filho, o que explica o gosto deste pela cultura clássica, sobretudo o latim e o grego, que versava, permitindo-lhe mesmo traduções.

Resuma-se o seu itinerário pessoal: bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1912, estreiou em 17 com o livro "Nós", participou empenhadamente da Semana de Arte Moderna, em 1922; em 1928 ingressou na Academia Paulista de Letras e dois anos após na Academia Brasileira; voluntário na Revolução Paulista de 1932 e no curso desta redator e diretor do "Jornal da Campanha"; marcou-se para sempre pela guerra paulista, que lhe custou prisão e banimento por um

ano; “fez-se nos meses de luta o seu cantor. Fundou jornais e os dirigiu; jornalista a vida inteira, presidiu a Associação Paulista de Imprensa; presidiu a Comissão do 4º Centenário de São Paulo, em 1954; em 58, foi ungido, em consenso nacional, “Príncipe dos Poetas brasileiros”, sucedendo a Bilac, Alberto de Oliveira, Olegário Mariano; pioneiro da crítica cinematográfica no país e da crônica social na imprensa; morreu em São Paulo, na sua casa da rua Macapá, a 13 de julho de 1969, a onze dias dos 79 anos... Sua obra geral supera os 70 volumes.

Mas, afinal, quem foi Guilherme de Almeida? De certa forma, foi dos maiores no Brasil. Emergiu literariamente de forma rumorosa: seu livro inaugural *Nós*, série de sonetos líricos a relatar uma história, de escassa edição custeada pelo prof. Francisco Morato, amigo de seu pai, passaria por ameno registro não fosse o destampatório promovido por um crítico acêso no Rio. Antonio Torres, áspero colunista de boa audiência, invectivou o magro volume com tal destempero - chamou-o “*Bacilus Lyricus*” - que suscitou pronunciamentos de desagravo da parte de escritores de nomeada na época.

Com tudo isso, esgotou-se *Nós*. Guilherme estava lançado. Nome nacional!

No caso do nosso poeta, a boa poesia deu-lhe tudo, inclusive a esposa. Vale relatar a história: - Morando no Rio, passou Guilherme a receber cartas sobre cartas em francês, de uma desconhecida. Compreensão total da sua obra. Conheceram-se afinal e se casaram em 1923, Guilherme e Belkiss Barroso do Amaral, moça de realçada presença na sociedade carioca. “Baby” fez-se a companheira ideal do poeta, sua musa permanente. Em Guilherme atendia a Providência o apelo de Gonçalves Dias: “Dá-me, Senhor, uma mulher que escute o meu silêncio”... Baby era bela, alta, clara, elegante, culta. Sobreviveu ao marido por muitos anos, vindo a falecer no ano passado.

Morou o casal algum tempo num apartamento da rua Pamplona, até que em 1943 assumiu a morada definitiva, na rua Macapá, altos do Pacaembú. Guilherme edificou a casa conforme delineamento antigo: com uma “água-furtada”, contida em paredes à prova de som. Ampla janela para os espigões paulistanos. O poeta tinha assim a coruscante e vigorosa paisagem paulistana a inspirá-lo. Isolava-se na mansarda pela noite a dentro, como a lembrar a advertência de Leonardo: “Se tu sarai solo, tu sarai tutto tuo”...

*

A leitura de *Messidor*, de 1919, revela uma série de 9 sonetos marmóreos, parnasianíssimos.

Serão eles por certo, os mais fiéis à linha de Herédia e obedecem ao título geral de “Poemas de Aço”. Respondem pelo juízo, expedido por leitores menos atentos, de que Guilherme era um néo-parnasiano. Ressalte-se a propósito que o poeta, com os “Poemas de Aço”, deu por paga a sua dívida para com essa estética. Não reincidiria nela. Focalizemos um desses tresnoitados sonetos, em alexandrinos, “Cavaleiro do Amor”:

Cavaleiro do amor, sobe à armaria e cinge
o teu saio de malha, a eril sapata e o guante!
Arrocha o arnés, empluma o casco, ergue o montante
e enjaula, na viseira, o teu olhar de esfinge!
Vem, desce ao pátio e monta o teu corcel possante;
enrista a lança audaz que roça a adarga e ringe;
transpõe o fosso - e vai, e verte o sangue, e tinge
de golpes teu brasão, ó Cavaleiro andante!
Vai, vence! E, vencedor, dirás: “Eu, se fui forte,
se desprezei a vida e se afrontei a morte,
é que amei, é que amei como ninguém mais ama!
E fiz, pela paixão que neste peito encerro,
meu arnés mais tenaz que o meu amor de ferro,
meu gládio mais fatal que o olhar da minha dama!

Como todo artista cioso da condição, Guilherme de Almeida submetia-se ao termo exato. Nos “Poemas de Aço”, chega a impressionar pela precisão vocabular no tocante a objetos e situação medievais.

Explica-se: era ele versado na ciência e na arte da heráldica. Fez conhecer essa propensão, tão ligada à sua própria maneira de ser. O escritor requintado, encantou-se pela ciência dos braços e dela fez-se mestre. Sempre que necessário, exibia ele conhecimentos de heráldica. Doutrinava. E, mais: fez-se “rei d’armas”, título dos elaboradores de braços e o poeta o era, de maneira incontrastável.

São-lhe devidos, entre numerosos outros, os brasões de São Paulo, Brasília, Embu, Petrópolis, Volta Redonda, Londrina, Guaxupé. Os desenhos de muitos foram confiados a Wash Rodrigues e a Renato Zamboni. Com Wash elaborou o brasão paulistano, que tinha como divisa “Non ducor duco”, “Não sou conduzido, conduzo”. Eram-lhe devidos emblemas e divisas. Nos meses finais de vida, projetou a bandeira de Brasília. No mesmo campo artístico, admirava os vitrais e o teor de muitos deve ser-lhe atribuído. Vê-se que tudo isso explica os heráldicos poemas de aço de “Messidor”.

*

Recordemos Guilherme de Almeida na Semana de 22. Atuação questionada por força da agitada presença dos dois Andrades e

de Menotti. Setenta anos depois, podemos tranquilamente assegurar que o poeta deu o que lhe era possível e próprio. Dentro da sua condição. Ele era um clássico e um erudito. Apóstolo da arte por ele chamada limpa, da obra como resultante de longa paciência e não só da inspiração. Definiu-o acertadamente Tristão de Ataíde: Guilherme foi o girondino da Semana. Seu papel, desempenhou-o ele mais no preparo e na consolidação do movimento do que nas três sessões de Fevereiro. Declamou duas canções gregas perante a rugidora assistência do Teatro Municipal, “O discóbulo” e “As Galeras”. Sintomaticamente, não foi vaiado... Eis “As Galeras”:

Eu vi passar no mar ilustre as grandes naves,
as galeras guerreiras, que vieram de longe:
elas cravaram no céu os monstros audazes
e fincavam nas águas a espora de bronze.

Eram brancas e belas
E dentro delas
Havia homens que eram fortes como as espadas
e altos como as quilhas.

E os seus olhos contavam que havia ilhas
grandes e verdes como as esmeraldas,
onde as sereias
dormem, inflamadas ao sol, sobre as areias
ou cantam canções longas,
pelas cem mil bocas das ondas...

As galeras passaram. E, de noite, quando,
cheia dos meus pensamentos ligeiros,
a lua submarina foi mostrando
a ponta clara sobre o mar, pensei que ela era
uma galera cheia de guerreiros...

Não poderia ser mais característica essa participação. Poemas de texto clássico, numa hora de pregação nacionalista exacerbada; de requinte formal, nobre vocabulário, ritmo impecável. Abria mão apenas da métrica. Nada do poema-piada ou da forçada oralização e desfiguração do idioma. A este, amava o poeta entranhadamente. Nada, a seu ver, justificaria inovações popularescas. O Girondino...

*

Dissemos que o poeta empenhou-se na consolidação do ideário da Semana. Fê-lo através de três medidas práticas: fundou e

coordenou "Klaxon", mensário explicativo do modernismo; deu conferências em Porto Alegre e no Nordeste; finalmente, lançou dois livros de índole modernista: *Meu e Raça*, nos anos subseqüentes à Semana. Guilherme deles dizia serem os seus primeiros empreendimentos brasileiros. A *Meu* denomina livro de estampas. Já *Raça* inclui-se no que de mais realizado produziu o poeta; firma-se, esse formoso, rítmico, bravo poema, no mais inspirado relato da descoberta e da formação racial do Brasil. Livro comovente, empolgante.

Pois aí temos "Klaxon", que pelo nome não se perca, pois era o rótulo das estridentes buzinas externas dos rangentes automóveis da época. "Klaxon"!

"Klaxon" sobreviveu sabe bem Deus como: financiado por Guilherme e seu grupo. Ao poeta coube logo desenhar, modernamente, a capa, o que fez com competência. Incumbir-se-ia também das ilustrações comerciais, de grande originalidade. "Klaxon" viveu o tempo gestatório: Nove meses: de maio de 1922 a janeiro de 23, quando se lhe partiu o cordão umbilical.

Teve a revista notória influência. Todos os núcleos avançados do país liam-na, interessados. O tom era polêmico. Antonio Carlos Couto de Barros, Tácito de Almeida, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Rubens Borba de Moraes e Luiz Aranha integravam o corpo redatorial, desnecessitado de diretores, órgão coletivo que era. Aos tropeços lá foi "Klaxon" até janeiro, quando apareceu o número duplo 8/9. Esse, mais alentado, contrafez os redatores. Deu-se que Graça Aranha chegou do Rio em dezembro e sugeriu aos rapazes da "Klaxon" que dedicassem à sua pessoa e obra o volume em elaboração. A modestia do autor de *Canaan* foi dicutida dias a fio na salinha da redação, na rua Direita. Os mais tímidos toparam de pronto, enquanto outros limitaram-se a dedicar poemas ou crônicas à figura do escritor. Com isso tudo, "Klaxon" morreu.

Pois, se a Semana obteve repercussão interna, seu mensageiro "Klaxon" correu muito pelas páginas de crítico literário e artístico de renome internacional.

Ramon Gomez de la Serna, no alentado volume do livro *Ismos*, registrou-o em várias páginas, promovendo-o (a Revista, não a Semana) a escola literária: o "Klaxismo": "Una de las ultimas escuelas literárias - nunca se puede decir la ultima - que pegar en el album de los Ismos es el Klaxismo" - diz Ramon, para logo mais prognosticar: "El Klaxismo pasará por etapas mui diversas, como le sucedió al clasicismo, o

quizá en el futuro, después de olvidado, durante una temporada el "Klaxon" surja el neoklaxismo"...

*

Guilherme de Almeidas amava a língua portuguesa, ficou dito. Estudou-a, envolveu-a, sopezou-a, enriqueceu-a. Sim: enriqueceu-a. Retomou a lição dos poetas medievais, e à maneira deles elaborou canções que eles poderiam, orgulhosamente, assinar. Observe-se para exemplificar, esta "Cantiga dos olhos que choram", que reverencia Garcia de Rezende:

"A meu corpo perguntára
(poys que triste nada achára
mays do que eu):

"Esses olhos tam somente
"porque choram tristemente,
"corpo meu?

"Nam tem lagrimas a boca
"que tanta palavra louca
"disse a alguém;

"& o coraçam tam coytdo,
de tâta cousa alôgado
"nam n'as tem;

"nem as ha na mão duryda
"que teve na despedyda
"tâto dó...

"Porque assy só os olhos choram;
"Porque he que as lagrimas moram
"neles só?..."

-He que os olhos sam janelas
& ha duas meninas nelas,
sempre envam.

He que as meninas-dos-olhos
nos olhos e só nos olhos
he que estam...

Gonçalves Dias antecipara-se a Guilherme, ao elaborar as *Sextilhas de Frei Antônio*.

*

Vejamos agora a série de sonetos juntados na *Camonfana* e que, conforme assegura Sergio Milliet, pode ser sem desdouro posta ao

par do imenso poeta luzitano. Ouçamos esta amostra, o Soneto IX do elenco de 26:

Claros fios de prata em minha frente,
que tanto me abreviais a vida breve
e os dias, que me leva o tempo leve
e que eu não quiz contar, mandais que conte:

Se até mesmo do pranto a pura fonte,
porque verter não possa quanto deve,
vosso frio rigor converte em neve,
quem há aí que vos fuja, ou vos afronte?

Esqueceste, entanto, brancos fios,
que, quanto mais sois brancos, e mais frios,
mais própria em vós se espelha a maravilha
de um sonho meu de luz, doirado e eterno:
pois o sol é mais sol quando é inverno:
e a nave é neve quando brilha.

Como se vê, o clima, o espírito de Camões. Nunca a cópia nem mesmo a paráfrase. Camões por sua vez não era tão cauto, como se depreende dos versos de Patrarca; “Esta anima gentile che se disparte, ansi tempo chiamata a l'altra vita”...

*

Com o tempo, foi a poesia de Guilherme de Almeida se verticalizando, embora ainda passasse por reincidências na frivolidade, a que se apegam tantos bípedes implumes, para depreciar a obra geral de um dos maiores talentos literários da língua, em todos os tempos. Guilherme passou a enxugar o seu poema, a condensá-lo, a comprimi-lo... O máximo desse diuturno esforço de concisão resultou nos Hai-Kais e nas chaves-de-ouro avulsas. Conheceu ele o gênero nipônico através da tradução possivelmente de Fitzgerald. Fixou-se no cultor mais conhecido, Bashô. Partiu logo a seguir para a elaboração de poemetos próprios, valorizando-os com a introdução de rimas, inexistentes nos japoneses. O espírito, respeitou-o Guilherme, que é o de celebrar a natureza: não são experimentos líricos. Dezessete sílabas em três versos: o 1º de 5, o 2º de 7, e o 3º de cinco.

Em Guilherme, o 1º e o 3º rimam entre si, enquanto o segundo registra rimas internas, assim retomando o pouco utilizado verso leonino.

Muito se aborreceu o poeta com a resistência de leitores a seus haikais. “Guilherme agora faz charadas”, ajuizou certo fã do fácil e do rasteiro na poesia. Obviamente, algum hermetismo marca o hai-kai, pela sua própria natureza. Alinhemos dois: “Sabedoria”: “Uma ave, poisada/ no para-raio, olha para/ o céu. E há trovoada”.

“Campos do Jordão”: “Vão duas meninas/ de “sweater” de lá. Cheira a éter./ Ondas de colinas”.

Tenho um episódio a relatar no capítulo dos hai-kais de Guilherme de Almeida.

Estávamos no Japão, precisamente em Tóquio, membro de comitiva parlamentar em visita, até que chegamos ao ponto alto: audiência com o príncipe Akihito, herdeiro do trono (já agora Imperador). Formados em fila os deputados, ante eles caminhava o Príncipe, cumprimentando-os e cambiando medidas. Chegada a minha vez, achei indispensável dizer algo ao herdeiro do trono:

- Em meus país há um cultor incomparável do hai-kai, alteza.

Akihito deteve-se ante a notícia do intérprete e interessou-se. Pediu pormenores. Quiz saber se os minipoemas de Bashô eram recriados da língua original, se não, através de que língua. Solicitou ao intérprete que anotasse nome e endereço de Guilherme ao ouvir de mim que o grande artista modificara a forma fixa do hai-kai, acrescentando-lhe as rimas já citadas.

As “chaves-de-ouro para onze sonetos que não foram escritos”, integram o livro *Poesia Vária*, de grande apreço do autor, e causaram estranheza: como escrever só o último verso, sem o “recheio”, como também alvarmente se considerou? O poeta vai de baixo para cima na composição? Essas e outras indagações formularam desavizados analistas de bar. Mas coube a Tristão de Atafde, hoje lamentavelmente esquecido, definir o significado desses solitários decassílabos: “Com os fechos de ouro, delegou Guilherme a outros a tarefa subalterna de completar, com os 13 versos restantes, os sonetos a compor, como o grande cirurgião entrega aos assistentes a tarefa de costurar os cortes cirúrgicos.” Nessa mesma página, do livro *Companheiros de Viagem*, o pensador brasileiro refere-se ao poeta como um “gênio verdadeiro”, o que lava as almas gerais.

Eis alguns dos versos de ouro de “Poesia Vária”:

Quanto mais *juntos*, tanto mais sozinhos.
Sem nunca ter *começo*, teve fim.
Cai o pano final das pálpebras fechadas.

Guilherme de Almeida vem sendo citado sobretudo pela sapiência técnica e a capacidade de tradução ou recriação, como ele sustentava, procedentemente. Malabarista do verso, dizem muitos, enquanto outros, desajudados écos dos lugares-comuns, consideram, displicentemente: - "Gosto mais dele como tradutor" - e com isso passam recibo de desinformação e estultícia. Lembro a "Berceuse das rimas riquíssimas", exercício dos jogos malabares aludidos, autêntico esbanjamento de virtuosismo.*

A mim sempre surpreendeu um desprezado soneto dos começos da carreira de Guilherme.

Como, desprezado? Após anos de abandono, ressurgiu ele nos *Sonetos de Guilherme de Almeida*, volume de 1968, consistente em 108 poemas do gênero. Vibrei, quando dei com ele, e de tal forma (sem comedimento, diria Guilherme) que, numa tarde oca do Congresso, encaixei-o em discurso nada objetivo. O soneto "Coração", de 1913.

Ora, a quem ocorreria, há mais de 70 anos, a hipótese do transplante cardíaco, hoje corriqueiro? Pois Guilherme de Almeida, poeta, o anteviu. Ele, o vate, capaz de vaticínios. Recordo mais: publicado "Coração" no "Diário Oficial" do Congresso, passei a receber cartas de Minas, reclamando novos elementos sobre o autor, informações outras, muitas. Mineiro lê o Diário Oficial!

Mas, vamos ao fenômeno "Coração":

"O coração que em mim palpita e vive
em outro peito já pulsou. Não sei
onde, quando, nem como. Ele revive
um passado que nunca atravessei.

Recorda terras onde nunca estive,
repete frases que não escutei,
chora saudades que jamais eu tive,
canta esperanças que jamais sonhei.

E assim eu levo pela vida afora,
num peito moço, um coração de outróra,
um coração envelhecido e triste.
Perdidamente apaixonado, ele ama
não sei quem, que nem sei como se chama,
que nunca mesmo saberei se existe..."

Aludi, em certo ponto, aos chamados poemas bélicos de Guilherme de Almeida. Trata-se daqueles elaboradores durante e após a Guerra Constitucionalista de 1932. Por eles o poeta não demonstrava apreço especial, embora peças como “Moeda Paulista” e “A Santificada” lhe tenham assegurado a condição de poeta maior de sua terra, o cantor por excelência de seus feitos, a eloqüente e exaltada voz de todo um povo. Essa poesia resultou do empenho com que o lírico ingressou no explosivo campo de luta e de luto a que fora levada a sua gente. Guilherme alistou-se e seguiu para o front de Cunha na primeira leva. Convocado para redigir o jornal das trincheiras, retornou e passou a imprimir poemas irresistivelmente aliciadores, logo conhecidos de todos e declamados. Poemas nas rádios, nos espetáculos beneficentes, citações nos boletins da rebelião, alusões no comícios...

Pois o poeta pagou caro o generoso impulso. Vencida a Revolução, foi ele caçado e preso, para em seguida receber a pena de banimento. Um ano de exílio. A altivês com que recebeu a punição só se compara à categoria dos chamamentos contidos nos seus poemas de guerra. O poeta foi assim castigado em razão da própria poesia.

No elenco de poemas épicos de Guilherme figura, salientemente, “Moeda Paulista”. Que moeda seria essa? Acontece que São Paulo, logo nas primeiras semanas de Guerra, verificou urgente necessidade de recursos para custea-la. Apelou para o povo, também o pequeno povo, que no capítulo *ouro* só possuía as alianças. Pois as alianças foram aos milhares chegando aos postos de recebimento. Objetos numerosos de ouro, mas alianças, sobretudo alianças. Guilherme deu a público então seu poema “Moeda Paulista”, que celebrava o gesto, definindo-o e estimulando-o.

Eis a “Moeda Paulista”:

Moeda Paulista, feita só de alianças,
Feita de anel com que Nosso Senhor
Uniu na terra duas esperanças,
Feita de tudo o que restou do amor!

Quanto vale essa moeda? - Vale tudo.
Seu ouro eternizava um grande ideal!
E ela traduz o sacrifício mudo
Daquela eternidade de metal.

Ela que vem das mãos dos que se amaram,
 Vale esse instante, que não tinha fim,
 Em que dois sonhos juntos se ajoelharam
 Quando a felicidade disse: - *Sim*.

Vale o que vale a união de duas vidas
 Que riram e choraram a uma voz,
 E, simbolicamente desunidas,
 Vão rolar desgraçadamente sós.

Vale a grande renúncia verdadeira
 Das mãos que acriçaram, maternais,
 O menino que vai para a trincheira
 E que talvez... talvez não volte mais...

Vale mais do que vale o ouro maciço!
 Vale a glória de amar, sorrir, chorar,
 Lutar, vencer, morrer... Vale tudo isso
 Que moeda alguma poderá comprar!...

Na hora das denúncias e dos inquéritos, “Moeda paulista”
 pesou substancialmente na condenação do poeta.

*

Surge-me agora a lembrança de um livro singular de Guilherme de Almeida, *O Anjo de Sal*, publicado em 1951 e reunindo poemas a partir de um volume mínimo, de bolso, a cargo de Edições Alarico. Instala-se aí a singularidade: Alarico, editor, foi, durante muitos anos, o amigo inseparável do poeta. Gordo, baixo, nutria pelo poeta uma admiração pasmada, incondicional. Como o poeta, era funcionário da Escola Normal “Padre Anchieta”. *Anjo de Sal* é breve não só nas páginas, mas também nos poemas. Leitura mais atenta assegura a essa minguada coletânea situação de realce na obra geral de Guilherme. Um dos seus livros capitais. Ali se imprimem a definição de “poesia”, numerosos *hai-kais* e, finalmente, algo de raro na obra de Guilherme: o capítulo III, dito DA MORTE. Este tema foi pouco versado por Guilherme, poeta da clareza, das manhãs, do amor. Marca o livro igualmente o mistério. Será certamente o mais hermético, como se vê na escura peça final, o “Soneto Único”, aqui e ali reproduzido e que assume, no texto geral do poeta, posição isolada, mixto de premonição e medo:

SONETO ÚNICO

Vejo a sombra partir-se pelo meio
 e pôr-me duas pálpebras na face;
 minha boca de sede bebe o seio
 de alguma estrela que me amamentasse.

Tem um peso de terra o corpo alheio
 que há no meu corpo; em meus ouvidos nasce
 uma árvore cantando um vento cheio
 de céu em cada enlace e desenlace.

Em minhas mãos paradas pousam ninhos;
 vão os passos de todos os assombros
 andando a minhas veias de caminhos.

E há, para o vôo aceso numa aurora,
 pressentimentos de asas nos meus ombros
 quando a moça da foice me namora.

*

Avisado pela esposa de que o poeta enfermara, fui vê-lo no esguio palacete do alto Pacaembú. Era julho de 69.

- Guilherme pede-lhe para subir - retornou dona Baby dizendo, após breves minutos: - Insiste em que você suba.

Encontrei, surpreso, o poeta sentado numa larga poltrona, recoberto de chambres, mantas e cachecols. Magreza e lividez agônicas. o homem pequeno e elegante, sempre de escuro, a inseparável comenda da Legião de Honra na lapela; o constante e sereno transeunte de meio século da rua Barão de Itapetininga; o incrível sócia de Paul Reynaud murchara e esperava a morte. Relutava em deitar-se; a morte se deitaria com ele.

- Passei muito mal - respondeu logo à animação do cumprimento. - Também, o que tinha a fazer, já fiz. Posso descansar...

Depois, foi a luta de dias e dias de alternados alarmes e esperanças. Por fim...

*

Não há de faltar quem, atordoado pela voragem destes dias, subestime a perda sofrida pelo pensamento brasileiro com a morte desse velho artista, no entanto tão expressivamente jovem. Hão de dá-lo como "alienado", metido na torre de marfim do seu Pacaembú. "Não participava", há de alguém considerar, como aliás se vê.

No entanto, a defesa está à mão. Sabia o artista descer da torre, como o fez em 32, e como não deixou jamais de fazê-lo, ao longo da sua obra.

Ausente? Desinteressado?

Há anos, um dos seus amigos, não dos mais chegados nem dos mais antigos, experimentou um revés no seu combate político. Ouviu-lhe Guilherme o nome no extenso ról dos aliados. Doente embora, com o processo já instalado da enfermidade que o mataria, agasalhou-se, tomou a mulher pela mão - e ele e ela foram os primeiros a chegar para a solidariedade e a companhia. Traziam um cartão - para o caso de desencontro - e um livro, "Os Sonetos de Guilherme de Almeida". Neste, uma dedicatória, das derradeiras que ele redigiu e que passaria a permanecer, para o destinatário, como o testemunho maior do episódio, o mais expressivo e alentador.

Esplêndido Guilherme! Expoente da raça, artista solitário, antecipador de um estágio cultural que há de vir, padrão de decência e generosidade - seus maravilhosos dons guiam-lhe agora os passos na eternidade, dando assim seguimento ao rastro de luz que ele deixou na pátria.